

## ESCOLA DE ARTES *ECHO AMERICANO*: cultura e representações artística através das páginas de um jornal

CLARISSE ISMÉRIO\*

### RESUMO

O *Echo Americano* foi um jornal ilustrado que circulou entre os anos de 1871 e 1872. Atualmente, faz parte do Acervo de Jornais Raros do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. O objetivo dos articulistas do periódico era promover a modernização do Brasil no II Império por meio de um projeto civilizador, no qual era difundido um conjunto de práticas e condutas sociais visando a uma reprodução da tecnologia e da cultura europeia. A meta era modernizar, educar e redefinir a corte brasileira sob a orientação de dois modelos: dos ingleses deveríamos copiar o progresso industrial, comercial e científico; e da França, a cultura, as artes e o estilo cortesão. Apesar dos atrasos, o Brasil era visto pelos articulistas do jornal como o *Império do Futuro*. Essa visão ufanista era justificada por intermédio da natureza brasileira, das riquezas naturais e do gosto pelo belo.

**PALAVRAS-CHAVES:** Jornal, cultura, discursos visuais.

### ABSTRACT

*Echo Americano* was an illustrated newspaper that circulated between 1871 and 1872. It currently takes part of the Collection of Rare Newspapers of the Social Communication Museum Hipólito José da Costa. The writers of this newspaper were concerned with promoting a modernization of Brazil in the II Empire through a civilized project that spread a set of practices and social conducts aimed at the reproduction of European technology and culture. The purpose was to modernize, educate and redefine the Brazilian court under two models: from England they should imitate the industrial, commercial and scientific advance; from France, the culture, the arts and the courtier style. Despite of underdevelopment, Brazil was seen by the newspaper writers as the *Empire of the Future*. This proud vision was justified because of the Brazilian nature, natural resources and taste for beauty.

**KEYWORDS:** Newspaper, culture, visual discourses.

---

\* Professora e pesquisadora da Universidade da Região da Campanha (URCAMP); doutora em História do Brasil (PUC-RS). Pesquisa financiada pela FAPERGS, Bolsa Recém-Doutor (01/06/2000 – 31/05/2001); e-mail: claismerio@gmail.com

O jornal ilustrado *Echo Americano*<sup>1</sup>, cuja circulação compreende os anos de 1871 a 1872, era um periódico difusor da cultura europeia, preconizando a monarquia como forma ideal de governo e, ao mesmo tempo, um difusor do projeto de modernização do Brasil.

Trazia em suas páginas discursos visuais de obras de arte, arquitetura e projetos urbanísticos das principais cidades europeias. Tais discursos funcionavam com instrumentos educativos do projeto civilizador.

O II Império brasileiro organizava-se através de uma sociedade de corte. Nessa perspectiva, o jornal colocava-se como instrumento difusor de civilidade, que visava a educar e controlar essa sociedade ainda jovem, por intermédio de propostas de civilidade extraídas de sociedades mais “velhas”, como, no caso, a Inglaterra e a França.

O jornal ilustrado *Echo Americano* era impresso em Londres. Segundo seus editores, isso ocorria devido à tecnologia de impressão dos artigos e das reproduções das imagens que só esse grande centro podia oferecer.

Não era novidade a estreita ligação entre Brasil e Inglaterra, iniciada com a vinda da corte portuguesa em 1808. De acordo com Sodré, durante o II Império os jovens no Brasil iam estudar na Inglaterra, pois queriam adquirir uma cultura mais adiantada e conquistar títulos na corte. Os políticos e os economistas brasileiros também eram influenciados pelo modelo inglês (SODRÉ, 1998: 159).

Muito antes de o *Echo Americano* sair à luz, Hipólito José da Costa, que dá nome ao Museu de Comunicação do Rio Grande do Sul, fundou em 1808 o jornal *Correio Brasiliense*, também editado em Londres e vendido no Brasil, tendo grande aceitação e circulando até 1823.

Portanto, não é fator de estranhamento que exista um jornal como o *Echo Americano*, produzido por brasileiros em Londres, que procure difundir no Brasil valores da cultura europeia.

O *Echo Americano* era transportado em navios a vapor para circular de 15 em 15 dias no Brasil, Portugal e colônias portuguesas. O primeiro número data do dia 9 de maio de 1871. Era vendido pelo preço de 600 rs no Brasil e 300 rs em Portugal.

Constituía-se de duas partes, uma nacional e outra internacional. Era escrito na página 2 em francês ou inglês, e nas demais, em português. Até o número 7 os artigos culturais e comerciais eram escritos em inglês. Do número 8 em diante os artigos culturais passam a ser escritos em francês (língua erudita), embora os anúncios comerciais

---

<sup>1</sup> Pertence ao acervo de jornais raros do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, no qual são encontrados jornais dos anos de 1814 a 1925.

continuem em inglês (língua popular e comercial).<sup>2</sup>

A grande importância desse jornal ocorre por ser ilustrado, pois no II Império poucos sabiam ler. Conforme o censo de 1872, os índices de analfabetismo eram bastante elevados: 99,9% da população de escravos e 80% na população livre; ao incluir as mulheres, o número subia para 86% (ALENCASTRO, 1997: 475).

Através dos dados do censo percebemos a relevância do jornal, que foi criado com o propósito de informar os leitores sobre as novas técnicas desenvolvidas nas formas de comércio, na indústria, nas ciências e nas artes, tudo isso com o intuito de desenvolver o Brasil.

As imagens presentes no *Echo Americano* criavam um conjunto de percepções cognitivas que levam o leitor a uma experiência de vida significativa. Ao usar discursos visuais, buscava educá-lo por meio dos valores e das experiências que levavam à construção de uma civilidade.

Entre as muitas imagens, e dos mais variados temas que o jornal reproduzia, encontramos as alegorias do comércio, das ciências e das artes, que fazem de maneira figurativa a representação dos temas centrais da modernização proposta pelo *Echo Americano* (figura 1).



FIGURA 1 – Alegorias do Comércio, Ciências e Artes. Fonte: *Echo Americano*, n. 4, p. 56, 24 jun. 1871.

<sup>2</sup> Essa característica do jornal estava ligada diretamente com a guerra franco-prussiana, resultante de problemas de delimitação de fronteiras referentes ao território da Alsácia-Lorena em 1871. A guerra trouxe a destruição da cultura francesa, abrindo espaço ao “barbarismo”. Uma vez restabelecida a ordem, as coisas voltam ao normal, reestruturando a cultura francesa e sua influência sobre os demais países.

As alegorias seguem a influência da arte greco-romana. Uma representa o comércio, sendo caracterizada pelos símbolos distintivos do deus Hermes ou Mercúrio, o gorro alado e o caduceu. Hermes era o deus do comércio e o mensageiro dos deuses, símbolo da inteligência industriosa e realizadora. O gorro alado evidencia a agilidade e elevação. O caduceu é um bastão em torno do qual se entrelaçam duas serpentes, representando a dupla face do universo – o benéfico e o maléfico, o antagonismo e o equilíbrio cósmico. Os símbolos presentes na alegoria mostram a agilidade e os dois lados do comércio. A âncora simboliza o comércio marítimo, podendo também aqui tentar evidenciar o comércio entre Brasil e Inglaterra.

A alegoria das ciências foi representada como uma mulher pensando e as artes como uma das musas gregas. Na mitologia, as musas eram as divindades inspiradoras da poesia e das artes. Ao todo eram nove, cada uma com sua especialidade: Calíope era da poesia épica e da eloquência; Melponeme, a tragédia; Tália, a comédia; Polymia, a poesia lírica; Erato, a poesia erótica; Clio, a história; Euterpe, a música; Terpsycore, a dança, e Urânia, a astronomia.

As três alegorias representam as principais áreas que deveriam ser estimuladas para que o Império Brasileiro pudesse se modernizar. As artes, definidas como literatura, pintura e escultura, tinham um lugar privilegiado entre os assuntos abordados, pois o grande objetivo do *Echo Americano* era difundir a arte europeia através de suas reproduções e assim influenciar os artistas brasileiros.

Considerava-se uma verdadeira *escola ou jardim de arte*, estando repleto de símbolos que permitem reconstruir o imaginário e a mentalidade da época. Foi criado para influenciar a formação cultural de grande parte da população do Brasil do Segundo Reinado, pois deveria entrar tanto na casa do rico como na do pobre: “E o *Echo Americano* terá entrada na choupana do pobre, e na casa do rico, pela modicidade do seu preço” (ECHO AMERICANO, 1871: 2).

Pretendia ser um divisor de águas da imprensa nacional, tanto pelo conteúdo como pelas imagens que trazia. Seria uma luz que guiaria com passos certos ao progresso do Brasil.

As imagens seguiam o estilo neoclássico que marcou fortemente a arte do século XIX no Brasil, cujos pintores de maior destaque foram Vitor Meireles e Pedro Américo. Pintaram grandes painéis históricos, fortemente marcados pela teatralidade. Foram responsáveis pelos retratos de D. Pedro II. A escultura ficou restrita à arte cemiterial e dos prédios públicos, sendo o maior escultor do período, Rodolfo Bernardelli.

No II Império, também se manteve a mentalidade de que para atingir o refinamento a sociedade de corte brasileira deveria seguir como

modelo a sociedade europeia, especialmente a estética francesa de civilidade.

Para os articulistas do *Echo Americano*, as obras de arte serviam como modelo para estudos. Assim, utilizavam as páginas do jornal para estampar quadros e esculturas de grandes artistas. As obras de arte, estátuas e quadros de estilo neoclássico, eram reproduzidas através de fotografia e depois passadas para desenho, para que pudessem ser apreciadas pelo público em geral e servir de inspiração na produção da arte local. Como foi apontado anteriormente, o *Echo* se autodenominava como uma *escola ou galeria de artes*.

Um tema bastante comum era mostrar o público europeu visitando as galerias de arte (figura 2). Era uma forma de mostrar o prestígio das artes e, conseqüentemente, o refinamento e a cultura invejável.



FIGURA 2 – Exposição internacional. Fonte: *Echo Americano*, Londres, n. 20, p. 360, 29 fev. 1872.

Tal empenho em mostrar obras de arte e o que elas causavam no público era necessário, uma vez que no Brasil não existia um desenvolvimento nas artes visuais como existia na literatura.

A arquitetura do período também era de inspiração neoclássica, e, assim como as artes plásticas, o jornal se propunha mostrar a arquitetura europeia para que fosse modelo de inspiração para os nossos arquitetos (figura 3).



FIGURA 2 – Obras da arquitetura europeia. Fonte: *Echo Americano*, 9 jun. 1871, p. 44; 9 ago. 1871, p. 105.

O *Echo Americano* trazia como proposta a difusão de um projeto civilizador no Brasil, cujas bases estavam alicerçadas na cultura europeia, ao mesmo tempo em que reivindicava a modernidade do País. A modernidade só seria conquistada através da educação, saneamento, melhoria dos transportes, projetos na área do urbanismo, fundação de bibliotecas e de institutos de pesquisa. Estas eram consideradas, segundo os articulistas do jornal, as premissas básicas para o País ser civilizado.

Em 1850 foram tomadas medidas que visavam a mudar a estrutura política e econômica do Brasil e assim inseri-lo dentro do contexto da modernidade. Tais mudanças foram oriundas do Bill Aberdeen, de 1845, imposto pela Inglaterra ao País através do qual o governo inglês se arrogou o direito de apresar os navios que traficavam escravos. Como resultado, em 1850, a Lei Eusébio de Queiroz proibiu o tráfico de escravos no Brasil, mas o contrabando continuou até 1856.

Com o fim da importação dos escravos ocorreu uma liberação de capital para outras áreas da economia, que produziram um aumento nas atividades comerciais. Em decorrência surgiram bancos, pequenas indústrias, empresas de navegação, entre outras.

Outras medidas também foram tomadas, tais como a promulgação das Leis de Terras, a centralização da guarda nacional e a aprovação do primeiro código comercial, todas visando a colocar o Brasil dentro da proposta de modernização capitalista, que se desenvolve de maneira bastante lenta.

Internacionalmente o País era representado por seus grandes vultos, os filhos da terra que construíam a civilidade do Brasil. A capa que ilustra o primeiro número do *Echo Americano* trazia a figura de Carlos Gomes rodeado por instrumentos musicais, como se fosse um deus da música, um Orfeu brasileiro (figura 4).

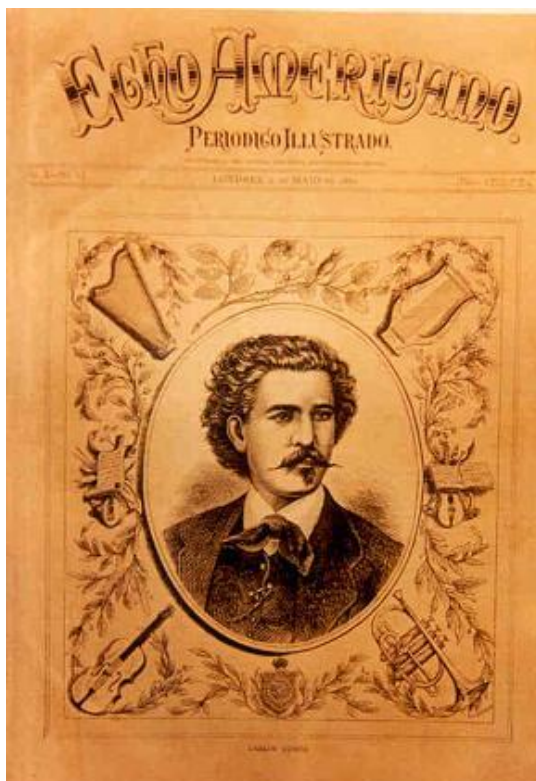


FIGURA 4 – Capa que homenageia Carlos Gomes. Fonte: *Echo Americano*, Londres, 9 maio 1871.

No interior do jornal encontra-se um artigo sobre o compositor, no qual exaltava a qualidade da música brasileira, argumentando que os lundus e as modinhas eram cultivados e valorizados, pois eram manifestações da alma popular. Os lundus, cuja base musical era africana, nasceram da cultura popular, mas logo foram incorporados pela elite local, para serem dançados nos salões de baile da corte carioca. A modinha teve sentido inverso, saiu dos saraus para ser incorporada pelo povo.

Segundo o artigo, faltava para a cultura brasileira uma forma de representação musical mais elitizada, que fosse fruto do verdadeiro talento artístico nacional. Dessa forma, mostrar os valores e símbolos primitivos do Brasil com grande estilo, servindo de modelo de fecundidade criadora, como no caso referido mostrou Carlos Gomes ao compor a ópera *O Guarani*, consagrada nos palcos italianos.

O artigo apresentava a biografia do maestro para que os leitores pudessem se deleitar com suas conquistas e ao mesmo tempo ter como exemplo de homem este filho da terra, que, mesmo sendo de origem humilde, soube aprimorar seus dotes e destacar-se como grande artista aclamado na Itália. Mas destacava que a maior criação do talento de Carlos Gomes foi *O Guarani*, ópera em quatro atos. O sucesso ocorreu por retratar um tema exótico aos olhos dos europeus, mostrando a natureza exuberante e dadivosa do Brasil.

A inspiração ardente e original de um filho das recônditas florestas do novo mundo, revelando-se a um público ávido de sensações e dos deslumbramentos de uma arte bebida nas fontes de uma ciência desconhecida, devia produzir sem dúvida assombroso efeito, e dar a um tempo ideia opulenta do artista e da maravilhosa natureza que lhe serviu de iniciadora (ECHO AMERICANO, 1871: 6).

Delineava a mentalidade de que a natureza dadivosa e edificante do País seria a grande musa inspiradora dos artistas, prova disso era a aclamação de Carlos Gomes nos palcos europeus, que através de sua ópera mostrava as riquezas naturais do Brasil e todo seu potencial artístico. Contribuía para a construção do mito de que a natureza era, como hoje ainda é, nosso maior patrimônio.

A “musa” natureza adornava a capa do número dois, que retratava a cascata da Floresta da Tijuca, passando a ser um símbolo que identifica o Império do Cruzeiro como um país soberano de riquezas naturais inesgotáveis (figura 5).

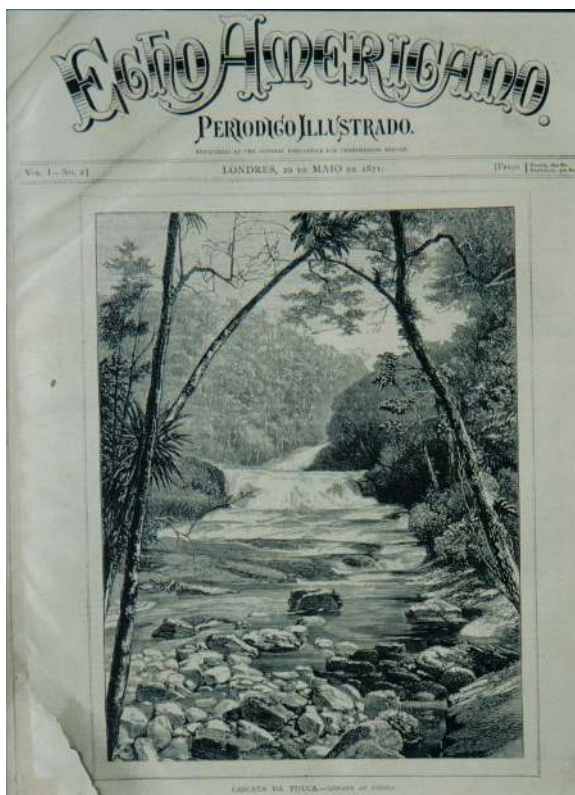


FIGURA 5 – Cascata da Floresta da Tijuca. Fonte: *Echo Americano*, Londres, n. 2, 20 maio 1871.

A tendência de supervalorizar a natureza era uma das características do Romantismo Brasileiro, que buscou através da temática indianista buscar uma identidade nacional e ao mesmo tempo um diferencial frente às outras nações. Portanto, sob um prisma nacionalista e idealizador, construiu-se uma natureza idílica e paradisíaca, a qual era habitada por índios, nobres guerreiros valentes, formadores da nacionalidade brasileira.

Seguindo esse raciocínio, a capa da terceira edição mostra os índios coroás ou kaingang como hoje são conhecidos. Na capa do jornal os índios são retratados com roupas impostas pela cultura do homem branco “civilizado”. Andar nu, segundo a visão do civilizador, era um ato

de selvageria. Portanto, era natural que o jornal valorizasse o aldeamento e a aculturação dos indígenas, uma vez que essa proposta visava à melhoria de vida para os povos considerados “não civilizados”. Em outra edição apresentava a imagem sob a ótica do europeu, ou seja, a partir de uma visão idealizada (figura 6).





FIGURA 6 – Índios Coroás ou Kaingang e Yahuas, Amazonas. Fonte: *Echo Americano*, Londres, n. 3, 9 jun. 1871; n. 15, p. 265, 2 dez. 1871.

Havia na época um abismo entre a imagem do índio idealizado pela literatura e artes e a do índio real. A representação do indígena nas artes e na literatura foi construída a partir de atributos e qualidades que o tornavam um guerreiro aos moldes dos cavaleiros medievais, valorizado pela lealdade, valentia, nobreza de caráter e pureza. Tais características são encontradas tanto na construção da figura de Peri – protagonista do romance *O Guarani* (1857), de José de Alencar –, na ópera de Carlos Gomes, como em todas as representações lúdicas sobre os índios.

Em contrapartida, o índio real era tachado de preguiçoso, ladrão, sem caráter, isto é, um selvagem que deveria ser reduzido e educado aos moldes da cultura do branco civilizado.

Um personagem frequentemente retratado na capa do *Echo Americano* foi o imperador D. Pedro II. Tais representações serviam como propaganda política para criar uma imagem positiva do governante junto

ao seu povo.

A figura de D. Pedro II era bastante questionada por seus súditos. Já em sua juventude era motivo de críticas. Em 1849 surgiu a ideia de compará-lo com George III da Inglaterra, e assim, dirigir uma polêmica contra o poder pessoal do rei. Em 1859 passou a ser alvo da imprensa satírica. O primeiro periódico a satirizá-lo foi o *Charivari Nacional*, seguido por outros (HOLANDA, 1972: 60).

Os constantes desentendimentos entre os partidos Liberal e Conservador, e a acusação do poder pessoal do imperador culminam com a queda do gabinete em 1868, em plena Guerra do Paraguai. Todos esses sintomas mostravam que o País estava diante de inúmeras contestações, sendo que a de maior impacto foi em 1870, com a criação do Partido Republicano, que defendia o fim da monarquia e era formado por liberais e republicanos tradicionais.

Diante desse quadro, era natural que os articulistas do *Echo Americano* tentassem difundir para o povo que na Europa a imagem de D. Pedro II era ligada ao progresso, à justiça e à modernidade.

É voz corrente que S. M. o Imperador do Brasil que, eloquente frase do Snr. Visconde do Rio Branco, é “objeto de nossa veneração e a primeira esperança do Brasil”, chega em julho a esta Capital.

O Snr. D. Pedro II, Rei infatigável e o primeiro sempre a cumprir deveres; que acha prazer no caos tumultuoso das mais espinhosas lidas, que no agudo princípio da glória socorre ao desvalido, perdoa ao inocente, distribui justiça, e, sendo um Rei possuidor em grau eminente de todas as qualidades que se reservem no ideal de um grande soberano, sabe como se equilibra a justiça com a clemência, os direitos do trono com o povo, o respeito à soberania com a dignidade pessoal dos súditos, e os deveres da realeza com os da religião, há de, por sem duvida, ter nesta ilustrada Metrópole uma recepção digna de seu alto nome, tão respeitado aqui. E a imprensa inglesa, a quem cordialmente agradecemos, como brasileiros, as expressões benévolas de que se tem servido a respeito do nosso Augusto Soberano, tem-se pronunciado categoricamente neste sentido. E nós por duplo dever, acompanhamos, cheios de prazer (ECHO AMERICANO, 1871, 1).

O imperador era representado como um grande estadista, que tinha todas as respostas e decisões certas para solucionar os conflitos internos e externos em que o Brasil estivesse envolvido. Essa imagem era difundida para que o Império no País fosse bem visto pelos europeus e pelos próprios brasileiros.

Para Ribeiro, essa ideia estava ligada ao antigo sonho português de se tornar grandioso frente às monarquias europeias. Herdamos o sonho de grandeza quando D. Pedro I tornou o Brasil independente de Portugal e construiu o Império Brasileiro. Essa ideia foi fortalecida pela

extensão territorial e pelas doutrinas políticas vigentes na época (RIBEIRO, 1995: 45).

Segundo a autora, D. Pedro I entrou para o imaginário brasileiro como libertador do País do jugo português e fundador da nação e do Império. Já D. Pedro II teria encarnado a figura do próprio Estado. Quando menino era o “anjo salvador”, mas logo essa imagem foi substituída pela do homem barbudo ostentando as insígnias do Estado, caracterizando a altivez e virilidade, uma representação que marcou a maioria dos seus “retratos”. Em apenas um o imperador aparece ostentando uma farda, personificando um soldado da pátria pronto para a ação na Guerra do Paraguai (RIBEIRO, 1995: 102-103).

A imagem da barba deu ares de sabedoria e equilíbrio ao imperador. A partir de 1870 a barba passou a ser branca, associando a imagem de patriarca, um condutor de homens. O imperador era o símbolo vivo do Estado (SCHWARCZ, 1998).

Em várias capas do jornal, D. Pedro II estava representado, sempre como um homem ilustrado ou como um grande estadista. Uma capa que é interessante destacar é a que traz a única imagem do imperador usando farda, representado o primeiro voluntário da pátria, fragmento de quadro de Pedro Américo, de 1871 (figura 7).



FIGURA 7 – O imperador D. Pedro II, em trajes militares, primeiro voluntário da pátria. Fonte: *Echo Americano*, Londres, n. 15, 2 dez. 1871.

Durante um longo período, no Brasil dominava a mentalidade de que existia uma divisão setorial do trabalho nos países, ou seja, algumas nações eram predestinadas a desenvolver a indústria e outras a agricultura. Como no Brasil a economia era baseada na agricultura, era forte a ideia de que no mercado mundial sua posição era de exportador de matérias-primas.

Os cafeicultores, donos de grande parte do capital financeiro do País, não tinham interesse em desenvolver o setor industrial, preferiam reinvestir na agricultura. Faltava, segundo Francisco Iglesias, uma mentalidade associativa e empresarial, pois grande parte dos homens públicos estavam ligados às questões da terra (IGLÉSIAS, 1995: 186).

A industrialização era um dos vetores que deveriam conduzir o Brasil ao progresso e a civilização. Os articulistas do *Echo Americano* apontavam alguns motivos pelos quais o Brasil não era um país industrial, como a falta de investimentos do governo e a ausência de mão-de-obra livre e especializada.

O estímulo ao desenvolvimento do setor industrial foi também uma das grandes metas do jornal, que para tanto mostra a ilustração de uma fábrica inglesa, no horário de saída dos operários (figura 8).

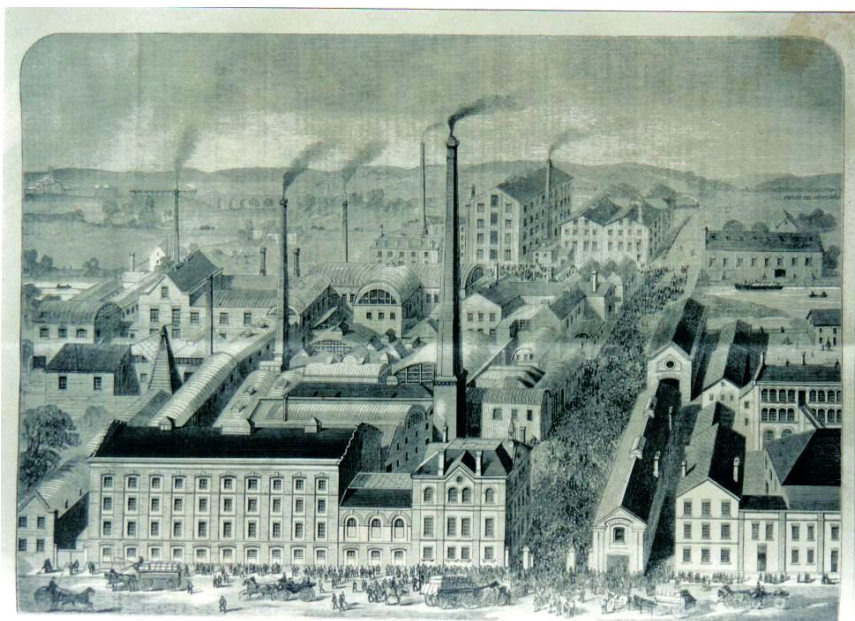


FIGURA 8 – Fábrica inglesa. Fonte: *Echo Americano*, 24 ago. 1871, p. 24.

Apesar das críticas, apostavam no desenvolvimento futuro, pois matéria-prima era abundante no Brasil e esta era a base para que se pudesse desenvolver um projeto industrial, embora ainda faltasse investimento e trabalhadores qualificados. Mas afirmavam: “Tendo conseguido este resultado, o Brasil tem em si elementos para competir tanto na indústria, como em literatura, ciências e nas artes com as nações mais adiantadas de ambos os continentes” (ECHO AMERICANO, 1871: 2). Apesar de tudo, o Brasil, na visão do jornal, era predestinado ao desenvolvimento.

A partir da análise dos discursos visuais e escritos presentes no *Echo Americano*, que circulou entre os anos de 1871 e 1872, observamos que trazia como proposta principal um modelo de projeto civilizador para o Brasil Imperial. A meta era modernizar, educar e redefinir a corte brasileira através dos moldes da cultura europeia. Dos ingleses deveríamos copiar o progresso industrial, comercial e científico. Da França, a cultura, as artes e o estilo cortesão.

O jornal foi criado para desenvolver novas técnicas ligadas ao comércio, indústria, ciências e arte. As artes eram o principal tema do *Echo Americano*, tanto que se considerava uma verdadeira escola de artes, pronta para dar aos brasileiros o que de melhor existia nas coleções europeias.

O *Echo Americano* reforçava a importância do sistema monárquico para o País, e da mesma forma procurava transmitir ao povo brasileiro e à Europa uma imagem favorável do imperador. Servia como propaganda tendenciosa do governo, em um período em que este se encontrava mergulhado em profunda crise interna.

Apesar dos atrasos, o Brasil era visto como o *Império do Futuro*. Essa visão ufanista era justificada através da natureza brasileira, das riquezas naturais e do gosto pelo belo. Denotava o mito da superioridade e predestinação do País, desde que desenvolvesse seu projeto civilizador e alcançasse a modernidade. Os discursos visuais presentes no *Echo Americano* estavam repletos de imagens e mitos que influenciaram e reforçaram uma mentalidade que preconiza o Brasil como o país do futuro, “gigante pela própria natureza”.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Ed. Schwartz, 1997. v. 2, p. 475.

ECHO AMERICANO, Londres, 1871 a 1872.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: a história dos costumes*. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 1995. v. 1-2.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *História geral da civilização brasileira: do Império à República*. 4. ed. São Paulo: DIFEL, 1972. v. 5.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Ana Eurydice B. *Os símbolos do poder: cerimônias e imagens do Estado Monárquico no Brasil*. Brasília: UnB, 1995.

SCHWARCZ, Lilia. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, Nelson W. *Panorama do Segundo Império*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1998.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991.